

PROJETO NURC - RECIFE

INQUÉRITO N. 273

TIPO DE INQUÉRITO: ELOCUÇÃO FORMAL

TEMA:FRANZ KAFKA

INF: em primeiro lugar eu tenho de agradecer... ao... à coordenação do mestrado... pelo convite que me fez... para essa palestra... em segundo lugar... agradeço/agardeço também... às pessoas aqui presentes... um dia meio feriado... e que se prontificam a assistir uma palestra... sobre Franz Kafka... esta palestra... como eu estava dizendo ainda pouco ali sentado... é bastante informal... o ano passado... eu escrevi um pequeno ensaio... sobre Franz Kafka... e revendo as notas deste ensaio... verifiquei que havia uma lacuna... essa lacuna... dizia respeito a: ... a relação entre Kafka e os comunistas... então eu julguei... que fosse oportuno... é: tendo em vista que a bibliografia sobre o assunto... aqui no país... é muito: ra:ra... muito pobre... a palavra é esta... eu julguei oportuno... trazer a debate... a perspectiva socialista... a respeito de Franz Kafka... mas Kafka como vocês conhecem através de textos... é um escritor... que cede muito à ambigüidade... e à medida em que eu ia lendo... e tomando as minhas anotações... com as vistas voltadas para... comunismo e Frans Kafka... verifiquei que era impossível... dominar o tema... dentro deste aspecto... o tempo todo... sempre havia uma êh: de dependência muito grande... quer com: o existencialismo... com a fenomenologia... quer também com: certo setor... da: crítica literária mais aberta... e: quer até mesmo com aspectos biografia de Kafka... que de vez em quando chegavam a impressionar... os próprios marxistas a até confundir os marxistas na interpretação da obra... começavam a apnhar certos aspectos... da vida de Kafka... e: tomar... esses aspectos como parâmetros para uma interpretação extensiva... da obra do escritor theco... ora... então eu me desviei do tema... e me desviei... bastante... e refleti sobre esse assunto será que esse desvio... tem alguma validade?... a resposta que: ...eu dei a mim próprio... foi bastante simples... Kafka é um escritor... como re/estava advertido disso... desde as minhas primeiras leituras... isto é desde os dezessete anos quando eu li Kafka pela primeira vez... é um escritor que não se deixa interpretar... não que: ... a obra de kafkatenha um sentido oculto... como comumente se julga... ela tem um sentido mascarado mas não quer dizer que essa máscara... oculte... éh:: mantenha em segredo... ou em estado... latente um significado oculto... essa forma de despistamento... que existe em Frans kafka... tanto pode aparecer na obra... quanto até em certas atitudes da sua vida... como revela Max Brod... na famosa biografia do autor... ora isso é um aspecto... só inicial... a maneira como me foi impossível... me fixar dentro do meu tema que era que era Kafka e os comunistas... até mais ou menos mil novecentos e quarenta e oito... Kafka é considerado dentro dos países socialistas... como um escritor interditado... bloqueado... estou dizendo bloqueado não no sentido brasileiro do termo... bloqueado mesmo... não divulgado... não lido... pouquíssimo interpretado... a não ser por... grupos de de críticos... que conseguiram furar... o bloqueio socialista... isto que aconteceu a... por volta de mil novecentos e quarenta e oito... é válido também... para a própria Tchecoslováquia... a terra do: ... de Franz Kafka... ora e:ssa forma de cen:surar Franz Kafka... nos países socialistas... derivava...de uma posição essencialmente dogmática... Kafka era fechado pelo marxismo dogmático... por um erro de interpretação... e:sse dogmatismomarxista... encarava

Kafka como um: escritor... que desafiava o princípio de autoridade... o princípio de autoridade era visto pelos marxistas... e os marxistas que eu... a que eu me refiro... os marxistas que: giravam em torno da escola de George Lukács... por exemplo a esta época... eles encaravam o: princípio de autoridade de Kafka... como o princípio que fazia uma contestação violenta... da racionalidade... que é... própria do partido comunista tem uma ideologia racional... uma ideologia materialista fundada sua essencialmente na razão... eles acreditavam que Kafka era demasiadamente irracional... e que essa irracionalidade punha em risco: a própria segurança metodológica marxista... é: e podia interferir mesmo no pensamento dialético... essa insidia que eles encaravam em Kafka... era explicada... por um ângulo... primário... Kafka é um escritor adulto de uma mentalidade tipicamente pueril... uma mentalidade infantil... e a mentalidade infantil é uma mentalidade que: se defronta com o princípio de autoridade... enfrenta a mente do pai... e conseqüentemente não aceita... nenhuma razão... nenhuma razão de esta:do... ou para citar Jorge Batalha... numa num: artigo famoso sobre esse assunto... Kafka põe... é: ... em risco aquilo que os comunistas chamam Atividade eficaz... do estado... esse é um primo/a primeira prerrogativa sobre a qual eu poderei voltar/voltar adiante... mas em mil novecentos e cinquenta e seis na Rússia... ocorreu no congresso do partido comunista... o congresso do partido comunista... de cinquenta e seis... foi promovida...mas foi oficialmente promovida... uma reabilitação de Franz Kafka... ora Franz Kafka morreu em mil novecentos e vinte e quatro... e a sua obra só: começou a ter repercussão... depois da segunda guerra mundial... e com todos esses essas objeções a que eu estou me referindo... essa reabilitação... ocorreu na própria Rússia... no congresso do partido comunista... foi o vigésimo congresso do partido comunista... dentro do partido comunista duas correntes se formaram a dogmática... e uma corrente de abertura... então passou-se a encarar Kafka de um outro ângulo... esse outro ângulo... bastante favorável... a própria perspectiva social... então Kafka encarnaria... assim de uma forma... universal... apenas um princípio... que era um princípio é: ... da... de polémica um princípio polêmico um princípio de contestação violenta... contra a burocracia... a pseudo-justiça ou: contra toda e qualquer forma... de falsificação é: é: da liberdade do homem... e essa essa posição... do congresso comunista... vigésimo congresso comunista... é uma/uma posição... fabricada... nada autorizava... dentro da obra de Kafka... a levar a esse tipo de interpretação essa reviravolta... da do significado possível da obra de Kafka... entre os comunistas... era um: uma posição insipiente... apenas se esboçava uma tese nesse sentido... ver... em Kafka um combate à burocracia... a pseudo-justiça... e conseqüentemente um aliado... um aliado não intencional... do próprio comunismo... em mil novecentos e sessenta e dois... volta à tona... o debate de Franz Kafka ainda em Moscou... dessa vez no congresso pela paz... foi uma posição mais incisiva... sobretudo por que: ... como apareceu ao congresso Jean Paul Sartre... e Sartre como vocês sabem tomou o partido de Franz Kafka... mas tentando uma união... entre a questão burocrática que Kafka encarna... é: e do outro lado também o problema existencialista... que já ti/havia sido... é: apresentado por Albert Camus desde o mito de Sísifo... se não me engano é de mil novecentos e quarenta e seis... o congresso da/de paz em Moscou... propunha segundo Sartre uma desmilitarização... da obra de Franz Kafka... o termo é um termo oficial do partido... uma palavra oficial do partido desmilitarizar Franz Kafka... para evitar com isso e Sartre nesse ponto foi muito hábil... que os inimigos dos países socialistas aproveitassem Kafka como um cavalo de batalha contra o próprio comunismo... então se tratava de fazer uma nova imagem... de Franz Kafka e essa imagem foi construída... muitos ensaios foram escritos a partir... a partir daí... dentre os mais famosos ensaios... nós temos o de Roger Garaudy... que é um: realismo sem fronteiras... no ensaio de Roger Garaudy... já inclusive

havia sido publicado antes disso... mas foi refundido em função... do congresso de paz de Moscou... por uma ironia... já há pouco tempo mil novecentos e setenta... Roger Garaudy não só por essa posição em favor de Kafka... mas dentro do próprio partido comunista francês... foi depurado foi expurgado do partido... foi disseminado... pra usar a terminologia judaica a respeito dos comunistas... em Praga em sessenta e três... na própria pátria de: Franz Kafka realizou-se um novo congresso... um congresso internacional... de novo com a presença de Sartre... com a presença de Ernest Fischer um austriaco... marxista... e com a presença de Roger Garaudy... que insistia ainda nas suas teses... essas teses serão desenvolvidas... adiante... ora... esse é um panorama... do itinerário que Franz Kafka atravessa entre os comunistas... entre quarenta e oito e mil novecentos e sessenta e três... bom... eu comecei... prevenido... que era impossível manter... o debate... nessa relação Kafka e os comunistas... em primeiro lugar... porque a formação... da obra de Kafka... independe de uma formação de princípios ou um engajamento... a determinadas filosofias... eu tenho lido muito a respeito de Kafka... pelo menos tenho lido o que veio à às minhas mãos... o que tenho a meu alcance... e: todos os escritores honestos... alguns são bastante tendenciosos... que: depuseram sobre Kafka inclusive contemporâneos... são unânimes em afirmar... que não é possível uma vinculação de Kafka com nenhuma corrente filosófica específica... até mesmo dentro do jadaísmo... é contraditória a posição de Kafka... primeiro porque... os anos místicos... os anos religiosos de Kafka... ocorreram já na proximidade da sua morte... entre mil novecentos e vinte e dois... e mil novecentos e vinte e quatro... em segundo lugar... porque a sua posição de judeu... era bastante problemática... como vocês sabem Kafka nasceu em Praga... numa família de comerciantes... e morava... justamente no setor velho da cidade... o setor judeu... mas a sua educação era uma educação tipicamente alemã e clássica... ele estudou num colégio um liceu... um: liceu... que seguia aquela orientação germânica... é a Goethe quer dizer aquele classismo humanista é: ... da linha de Goethe... e Goethe foi também uma das suas admirações... mas... judeu escrevendo em língua alemã... ele se sentia totalmente deslocado... primeiro porque a língua alemã... que Kafka utilizava era a língua alemã literária... aquela que ele aprendeu desde Goethe... e na: na: Tchecoslováquia do seu tempo... me refiro a: a fase de mil oitocentos e oitenta e oito a mil novecentos e vinte e quatro... o império dos Habsburgos austro-húngaros... na boêmia... o o alemão:... é: é não não era uma língua... é: que se pudesse usar literariamente artisticamente... os alemães de: ... de Praga... eram alemães que já haviam esquecido... de certo modo a sua nacionalidade e a sua tradição... não escrevendo em judeu... Kafka se ressentia... por ter assumido essa posição é preferível que ele escrevesse na língua idiche e ele insistia com os amigos em que a posição certa seria escrever... dentro da língua judaica mas não era possível... pela sua formação... e não era possível também pela receptividade e irradiação da sua obra... mas adiante... que ele esperava que essa obra se irradiasse pela Eu/Europa inteira... pelo outro lado também... ele não possuía uma nacionalidade tcheca... ele só conseguiu a nacionalidade tcheca também perto da sua da sua morte aos quarenta e um anos... por volta dos trinta e nove anos... e ficava... entre três culturas a cultura judaica... é aquela cultura que vinha da sua família... é: meio judeu... a cultura alemã clássica... que é a cultura da sua formação... e da língua em que ele escrevia... e a: ausência de qualquer tipo de cultura específica... na sua própria pátria que é a: Tchecoslováquia a antiga Boêmia... ora... então ele se sentia entre três culturas... numa situação... totalmente ambígua... e por isso mesmo ele não perfilou nenhuma filosofia... não não seguiu nenhuma filosofia... é: com determinada objetividade... não é que ele fosse avesso à filosofia... ele tinha preferências literárias... e entre essas preferências... é possível citar Kleist... é possível citar Flaubert... também Charles Dickens... Kierkegaard que foi uma influência marcante... na sua obra... de uma leitura repetida... em

todos os momentos da vida... Dostoievski... que talvez tenha dado o plano para Metamorfose... e: e:: e:: inclusive uma leitura superficial e não podia ser de outra forma... de PROUST já àquela época ele havia lido PROUST... cuja obra estava apenas se... iniciando... e uma infi/... uma legião de escritores... de origem judaica cujos nomes hoje no/nós não lembramos mais... são totalmente esquecidos... a fora isso... Kafka não era um leitor assíduo... a sua formaçãoliterária... não era formação crítica era uma formação... imaginativa e muito espontânea... bom... ora... se você lê o ensaio de vocês lêem ... o ensaio de: Walter Baenjamin... que é um judeu... se não me engano esse ensaio de mil novecentos e trinta e seis... a respeito de Kafka... você encontra um: um espírito... talvez o espírito mais próximo da interpretação de Kafka seja o de walter Benjamin... esse ensaio de Walter Benjamin sobre Kafka... considerava a obra de Kafka do ponto de vista da: parábola... isto é... do ponto de vista eminentemente judeu... Kafka era um escritor... cujos... cuja obra... se voltava para os problemas mais antigos... mais primitivos... até mesmo os problemas... inconscientes para o homem mo/moderno... do do judeu... então a parábola... seris: a: forma escolhida... para... Kafka... éh: estabelece:r... uma determinada... ou uma: precária comunicação com o mundo... mas a pa/as parábolas que Kafka colocava na sua obra... de acordo com Walter Benjamin... haviam perdido... toda e qualquer relação... entre: o significado e o objeto a que se referia no passado... eram parábolas incomunicáveis... ou parábolas fechadas... ou cujo código de fé... já não podia ser mais...decifrado... na época em que Kafka escreveu... éh: ... se sabe que Walter Benjamin quando escreveusse ensaio quatro anos antes de morrer...morreu aos quarenta anos... éh: foi na/no início da sua amizade com Bertold Bretch... e: era possível que ele... refizesse essa posição... há: algumas referências de Walter Benjamin... éh: se arrependendo dessa posição judaica a respeito da: ... do estilo de parábola de Kafka... por uma influência de: ... Bretch que não gostava de: ... Franz Kafka... mas essa é um:a passagem bastante curiosa... o ensaio de Banjamin... é o mais significativo da década de trinta... em torno desse ensaio... vai se cria:r... uma grande divisão... a divisão consistiria... em como classificar... Kafka de acordo com o seu recurso... éh: de linguagem... Kafka seria um escritor alegórico? ... essa é a linha defendida por George Lukács... Kafka seria um escritor simbólico? ... essa é a linha defendida pelo melhor biógrafo de Kafka... que é Max Brod... ou Kafka seria um escritor que utilizasse a parábola... à maneira de Talmude... a parábola sádica ou a parábola judaica no mais legítimo sentido do termo... dependendo da resposta que se dê a isso... se pode tomar... uma definição... filosófica... para a: o posicionamento de Kafka... dentro do seu mundo... dentro do seu universo... bom(3s) há muitos ensaios nesse período a respeito de Kafka: ... éh: que mereciam registro... mas eu/uma... uma... uma coisa curiosa... é que esses ensaios escritos sobre Kafka no período de trinta... a quarenta... Ssão todos eles/... éh:: éh: é bastante dogmático são bastante fechados sobre certos aspectos da obra... não há uma abertura como agora: ... se pode examinar Kafka com muito mais... mais liberdade... se você apanha por exemplo... a famosa obra que qualquer aluno de mestrado conhece Mimese... de Ouerbach... há uma pequena passagem... em mimeses... que pode até passar... éh: sem que... se perceba... é uma... passagem... em que ele conta uma história passada na Ter/na Tassália... éh: e diz que essa história é: uma história... tipicamente Kafkiana... talvez... possa se repetir a história aqui sem perda de tempo... rapidamente... Ouerbach conta que: ... na Ter/na Tassália ou Tessália éh:: o indivíduo goi ao mercado... era um in/peregrino na cidade... foi ao mercado comprar peixe... era um viajante... comprou o peixe... e quando ia saindo do mercado encontrou-se com um amigo... um amigo de juventude... e esse amigo... era um: ... um pretor... era um fiscal... era uma autoridade municipal... perguntou quanto ele pagou pelo peixe... e ele respondeu que pagou X pelo peixe... o indivíduo ficou escandaliza:do... entrou no merca:do... procurou o

comprador de peixe... deu um escândalo... chamou: ... os soldados jogou o peixe no chão... pisou... mandou que pisasse todo aquele peixe estragou tudo... e no fim pediu desculpas ao mig/ao amigo por ter sido explorado e despediu e foi embora... nem ele recebeu o dinheiro do peixe... nem ficou com o peixe... e ficou sem nada... então essa história é tipicamente Kafkiana... quer dizer é/o/ absurda e simultaneamente é insolúvel... então você vê que: contando essa pequena história.. Querbach diz que: ... são antecedentes de kafka... éh: a situação seria... de Kafka seria sempre uma situação... de uma ação insolúvel... ou de uma ação sem nenhuma esperança... em que todo esforço é inútil... mas essa é uma atitude... éh: um: ... gauche... não é? uma atitude... de certa forma éh: éh: desumana ((ruído)) as () não têm solução... embora a ação possa parecer apa/é contingente aparentemente tem uma contingência... mas a solução jamais é alcançada... Borges... também tem um artigo... pequeno... com os exemplos sobre o modo e o tom... dos antecedentes de Franz Kafka... eu... li o artigo de: ... o ensaio pequeno de... Borges e confesso que achei... sem nenhuma significaçãoos exemplos que ele dava... não é?... aquela maneira saxônica de: de:: Borges escrever... e os exemplos que ele dá não combina absolutamente com a obra de: de Kafka... mas há uma frase... curiosa... diz o seguinte... “o escrito:r... cria sempre os seus precursores” ele inverte a a posição... e na realidade parece que o destino de Kafka... é: justamente esse ele é quem cria os seus precursores... então a palavra kafkiana... só pode existir depois de Kafka e nunca foi aplicada antes... a situação existe... mas o termo foi forjado a partir de Kafka... como se existe a palavra... não é?... dantexa é: é: essa coisa... uma vez eu tava numa banca de revista e tinha um homem assim dos seus sessenta anos... comprando um: livro... o Processo de kafka... eu achei curioso... que eu nunca vi comprar livro em Recife não é?... em geral as pessoas em Recife não compram livro... e o individuo tava comprando livro... aí eu disse “o que é que o senhor... tá comprando?” ele disse “eu estou comprando o Processo de Kafka”... eu digo “é bom” ele disse “é ótimo eu já li os contos” não é? e eu “o que é que o senhor:r... por que é que o senhor gostou disso?”... ele aí disse a mim “olhe é porque ele criou o termo kafkiano”... não é? eu digo “só por isso?” ele disse “o senhor acha pouco?”((risos)) aí eu achei... não é?... eu achei que ele tinha razão... “o senhor acha pouco?”... não é? uma resposta: ... suficiente... é o problema... que combina com essa questão... Kafka cria os seus próprios precursores... não é verdade? ... mas as anedotas que: ... Borges... conta a respeito de Kafka são tão equivocadas... que eu não pretendo nenhuma... bom... o que acontece... é que: quando se fala dos antecedentes de Kafka... nós ficamos imaginando sempre uma situação absurda... mas nem tudo em Kafka se reduz... ao absurdo... ou então... nós... estamos colocados no conceito errado de realidade... é possível que Kafka tivesse um conceito de realidade diferente do nosso... para escrever com a naturalidade que ele possuía... ora... Kafka é um escritor realista?... essa é uma pergunta que se tem feito muitas vezes... ele próprio nunca confessou... éh: se era um escritor: romântico ou realista... éh: isso nunca importou: ao Franz Kafka em nenhuma vez da sua vida... o que ele pretendia mesmo... e que confessou várias vezes aos seus amigos... era escrever com extrema simplicidade... e mais... e vigiar naquilo que escrevia... qualquer intromissão indevida do sonho... como Kafka sonhava muito... não é? éh: e os sonhos éh: ... vinham sempre a:: a influenciar sua obra... ele tentava separar cuidadosamente... toda aquela forma dramática do sonho... e aquela forma poética dos seus contos... e: essa separação cuidadosa... de: entre o sonho e a obra é:: que vai definir... uma técnica peculiar... no estilo de Franz Kafka... que nós vamos estudar... daqui a pouco... ora... o que eu queria chamar a atenção para um aspecto muito simples... essa essa discussão acadêmica... uma discussão... dentro das universidades européias... éh: éh: que foi provocadas evidentemente por George Lukács... que foi o escritor que mais incomodou... Franz Kafka até que ve/ ele refizesse... já

no fim da vida determinadas posições... é: ... uma posição... curiosa... então você considera Kafka um escritor de vanguarda... ou você considera Kafka um escritor realista? ... se você considera Kafka um escritor realista... esse realismo é decadente?... se você considera Kafka ainda realista... esse realista... realismo é crítico?... se você considera de vanguarda... essa vanguarda é: ... experimental?... como a vanguarda por exemplo de Joyce... na época em que escreve Ulisses ()... então se pergunta se Kafka é um escritor de vanguarda... que tipo de vanguarda Kafka... é portador ou se Kafka é realista... é uma confusão tremenda dentro desse campo... a primeira confusão... que se estabelece em torno disso... é a apropriação indébita que os surrealistas fazem de Kafka... então os su/surrealistas empolgaram a obra de Kafka... éh: () como se fosse sua... e Kafka nada tem a ver com os surrealistas... primeiro porque... precedeu os surrealistas e segundo porque... exercia um controle efetivo sobre o sonho... o que não acontece com o surrealista puro... em segundo lugar o problema do: do: do: do surrealismo em Kafka... engana muito... porque a preocupação... de kafka era... escrever BEM... e não escrever espontaneamente... ou escrever automaticamente aquela escrita automática dos surrealistas... não intervinha no processo de escrever de Kafka... embora ele tivesse a compulsão de escrever depressa... o Julgamento... foi um conto escrito numa só noite... éh: e mesmo quando ele estava trabalhando intensamente no romance como o Processo ou o castelo... ele queria terminar aquilo a: todo vapor... Kafka jamais... éh: escreveu sem uma disciplina... racional cada frase cada palavra... éh:: era meditada era refletida... éh: vagarosamente... é um engano pensar... que a sua escrita era uma escrita automática... mas Lukács diz uma coisa... interessante... e sem querer... xi/éh: ex/talvez até inconscientemente... chega a definir por isso... por esse paradoxo... uma das posições... que eu acho mais simpática na observação de Kafka... Lukács diz numa certa obra do passado... o seguinte "que hoje no mundo de hoje... é muito difícil... encontrar uma pessoa que saiba fazer... uma mesa... decente" não é? não se encontra um artesão que faça uma mesa decente... como no tempo de Michelangelo... então ele diz que: relacionar a arte... a arte... no sentido do artesão... a dignidade da arte em saber fazer as coisas do artista em saber fazer as coisas... relaciona com a medida de séculos... então são séculos... portanto a medida historicista... que vai: que vão da: r... os séculos à arte... a sua dimensão a sua dignidade... e Kafka... se coloca justamente num sentido... di/diferente... primeiro... Kafka não está absolutamente interessado... isso que é uma raridade entre os escritores modernos... com a questão do tempo... o tempo como categoria... é praticamente eliminada... eliminado... da obra de Franz Kafka... não é um autor de preocupações temporais... ao contrário... e segundo porque Kafka não escreve em termos de séculos mas em termos de eras... então você tem que imaginar Kafka... escrevendo em termos de eras... então você tem que imaginar Kafka impulsionando... num tempo mais antigo... do que a própria consciência do homem... então... o que eu quero referir... é o estado pré-consciente... que possa determinar... ou que possa dar uma determinada causalidade à obra de Kafka esse é um detalhe... um detalhe que interessa... de vez em quando eu estou consultando... essas notas... mas também de vez em quando eu estou negligenciando as no/as notas por uma questão de tempo... eu estou muito preocupado com o tempo da palestra não é verdade? aliás eu preciso saber que tempo eu disponho... pra: ... pra usar esse material aqui ao lado... bom não... o pessoal tem que receber F. não é? ... todos nós temos que receber J.F. hoje... ele vai trazer dinheiro a gente tem que ir lá... quinze para as onze não é?... bom (5s) ora é: justamente esse ato... de não examinar Kafka do ponto de vista da sua antiguidade... ou do ponto de vista de uma pré-consciência... um ponto de vista anterior... a qualquer formalização literária... que falta aos escritores comunistas... os comunistas encaram a obra de kafka... de um ponto de vista muito imediata... isto é como a obra que foi inscrita... entre duas guerras mundiais... e cuja

repercussão... cujo significado cuja repercussão... encontrará a sua resposta... na fase da formação do fascismo... ou traduzindo em termos filosóficos... na fase mais aguda do pensamento irracionalista... o processo que vai desde Schopenhauer até Mussolini seria o processo ideal... para encarar e interpretar a obra de Kafka... esse é um erro dos comunistas... se você examina como eu disse em termos de eras e não em termos de séculos ou em termos historicistas puramente... você terá uma outra dimensão Kafkiana... ora em mil novecentos e quarenta e seis... há um semanário comunista famoso... *action* semanário ação que colocava uma: uma espécie de enquete uma pesquisa de opinião pública... a pesquisa era... simplista... mas era irônica... e: ... e: ... insidiosa... isso foi feito em Paris... perguntava o seguinte... "as obras de Kafka devem ser queimadas" não é?... que... você queria ligar o gravador era? (9s) então se perguntava... se essa obra de Kafka devia ser queimada... isto é sacrificada né? vedada ao público... e as opiniões... como acontece sempre nesse tipo de pesquisa... foram... foram divergentes... meio a meio... o problema não está na pesquisa em si... está no fato mesmo simbólico por que queimar a obra de Kafka?... a época os comunistas eram unânimes em que Kafka devia ser... submetido ao processo inquisitorial devia ser sacrificado devia ser queimado... e um dos argumentos mais válidos... era o seguinte... Kafka... não queria de próprio queimar a sua obra?... ao fim da vida ele... escreveu a Max Brod... que é o seu melhor biógrafo e seu maior amigo... amigo de vinte e dois anos... dizendo que queimasse todos os seus manuscritos... é claro que Brod não cumpriu esse desejo... é um desejo ambíguo de Kafka... mas no dia dois de junho... na véspera dele morrer... ele inclusive corrigiu à noite provas... tipográficas... de trabalhos seus... quer dizer... ele corrigiu provas até à véspera de sua morte... como também Marcel Proust fez não é?... corrigiu provas até a véspera de morrer... sendo que Marcel Proust... o único que tinha na sua ocasião era a sua governanta... não é?... e: o: O; Kafka... no sanatório... sozinho... durante a noite corrigiu as suas últimas provas... e o escritor que quer queimar... que quer destruir não procede dessa forma... este desejo ambíguo de Kafka... como se explica?... é: ... Kafka era: ... um: indivíduo... que colocava sempre essas armadilhas... mas jamais ele caía na própria armadilha que ele criou... não é verdade? quase todo escritor... é: moderno... utiliza esses recursos de despistamentos... Joyce faz isso... a vida toda... Guimarães Rosa no Brasil também faz isso não é verdade? o despistamento do leitor... mas Kafka tinha uma consciência bastante lúcida... do que ele queria... ele sabia que Max Brod não ia destruir a sua obra... tanto que continuou escrevendo até o fim... a pesquisa do: semanário... ação... era uma pesquisa... só para destruir... uma possível imagem de Kafka que começava a se formar... no pós guerra... e o resultado... foi essa divisão de opiniões... então você tem... o seguinte... queimar obras/a obra de Kafka por quê? porque ele é um contra-revolucionário... se dizia à época... contra-revolucionário... justamente pelo fato... de que a sua... a sua obra... contesta o princípio de autoridade como eu disse ainda pouco... quer dizer mas por outro lado... também pode se encarar essa obra... como uma: ... crítica... violenta... contra o capitalismo cruel... o que nós chamamos hoje... o capitalismo selvagem... contra todo o sistema burocrático... e contra toda a máquina da justiça do seu tempo... o Processo é o primeiro exemplo que se dá... então toda justiça... toda burocracia... e toda forma capitalista... ou toda forma opressiva da liberdade... receberia de Kafka... uma vigorosa contestação... então não se pode dizer que um escritor desse... seja contra-revolucionário... contra-revolucionário em que sentido?... então ficava só uma pequena margem... para que os comunistas dogmáticos se apegassem à: à: aos seus argumentos... e essa margem... de um lado era o problema famoso da alienação... que hoje não se discute mais Kafka é um escritor alienado... e essa alienação consiste no aspecto pueril... da sua obra... e Kafka é um escritor alienado também... porque mascara o significado da sua

obra...e na realidade essa obra... talvez não tenha nenhum sentido... a se apresentar ao público... talvez seja uma obra destituída de qualquer sentido... se uma obra é destituída de qualquer direção... de qualquer sentido... essa obra... além de ser alienada... seria também reacionária... bom... sem querer aludir aqui... ao problema: judeu que está na raiz de todo/de toda essa questão... Carrus... escreveu um magnífico ensaio sobre se/Kafka em mil novecentos e quarenta e nove... e toma a sua defesa nesse ponto... se é preciso uma nova perspectiva... dentro do próprio comunismo... para se recondicionar a imagem de Kafka... essa perspectiva é dada aos comunistas... não pelos próprios comunistas mas pelo existencialistas... e depois pela: interpretação fenomenológica da obra kafkiana... um detalhe que mais adiante... nós podemos estudar... ora(3s) o problema do reacionismo... aqui não tem nenhum sentido... vocês ficam com essa opção... se o sentido da obra de Kafka é oculto ou se não existe sentido algum... ou se é irracional totalmente essa obra... ou por outro lado se essa significação da obra de Kafka... é totalmente oposta à significação... ou à direção... do partido comunista... quando me refiro ao partido comunista... não me refiro só ao partido comunista francês... que a respeito de Kafka foi muito mais liberal... me refiro ao partido comunista...no âmbito fechado da cortina de ferro... sobretudo na própria Tchecoslováquia... contribui para isso... as interpretações psicanalíticas de: de: de: ... KAFka que são... as mais equivocadas... e até as mais rezíveis não é verdade? eu mesmo conheci aqui em Recife... anos passados um dominicano... que escreveu... um livro sobre Kafka... um livro sobre religião e literatura... literatura e cristianismo... desses livros enciclopédicos que não acabam nunca não é?... e: lá existia um artigo sobre Kafka... era Kafka... relacionado com o seu pai... baseou-se em Cartas ao meu pai.. de Kafka e a interpretação era puramente psicanalítica... o que acontece é que os psicanalistas sempre falam sobre coisas indefinidamente não tem fim não é? daqui a dois séculos eles ainda estão falando sobre Kafka... desse ponto de vista... eles encaram a coisa... apenas na relação... conflituosa entre Kafka e o pai... compreendeu?... o texto básico é cartas ao meu pai de Kafka... a: Metamorfose... o Princípio da autoridade... de o Castelo o Conto o Julgamento o famoso conto de Kafka... toda essa coisa... então eles se apegam a isso... e... e vêem em Kafka... éh: ... um:: ... essa puerilidade... éh: e existe mesmo... Kafka... pessoalmente era uma pessoa... éh: bastante ingênuo... e: a sua obra... chega às vezes até comover por essa... fragilidade... infantil que contém... então eles gostam de examinar Kafka com relação... a: a uma espécie de inconsciência... de determinados temas da sua infância... por um ensaio de Jean Paul Weber... Domínios Temáticos... um ensaio que eu nunca vi traduzido... aborda justamente desse ponto... quando ele examina... os animais... de: que há na obra de Kafka... ou a conversão homem animal... animal homem... ele não examina do ponto de vista por exemplo da REificação... um ponto de vista mais moderno... mas examina do ponto de vista de uma: ... uma inconsciência... ou a PRÉ-figuração simbólica... de Kafka o tempo todo... por exemplo... a Metamorfose é considerada... como uma autobiografia simbólica... o inconsciente do autor recorda Toda a sua vida passada... do nascimento ao surgimento do sentimento de culpa... então isso é um plano... você não pode interpretar Kafka o tempo todo... a partir... a partir de detalhes... propriamente... biográficos... ()... querer alcan/encontrar um significado nisso é muito pobre... Kafka uma vez ia na rua... e encontrou um pai de um amigo dele... não sei a pronúncia certa que eu não sei bem alemão M. sabe Wervfel não é? algo com w e r v f e l isso... lá vocês é quem sabem... ele sabe mai:s... não é?... encontrou o pai... desse amigo na rua... e acabava de publicar... a Metamorfo:se... e o velho estava horrorizado com aquelas coisas não é? tinha Lido... e: ... interceptou Kafka na rua e: disse... “o que é que significa isso?”... essa transformação do homem no insejo não é?... Kafka era muito querido... entre as pessoas... do/do seu círculo... inclusive entre os mais VELhos... e ele disse “não é nada...

veja o senhor... as coisas que estão acontecendo lá em casa... as coisas que estão acontecendo lá em casa" não é? deu esse detalhe... então os psicanalistas se apegam a pequenos detalhes assim... as pequenas referências até irônicas de Kafka... e tomam a coisa ao pé da letra... mas não há nada disso... em outras ocasiões... Kafka desmente esse tipo de interpretação... que não há razão nenhuma: pra reduzir a obra de Kafka um sentimento de culpa... a um conflito entre pai e filho... que é um conflito que vai entre o verdadeiro pai de Kafka até Abraão... compreendeu? a coisa não tem... não tem fim ... não tem nenhum sentido... mas o ponto de vista por exemplo... do: infantilismo kafkiano é muito explorado... inclusive porque é a única margem que RESTa ao comunismo dogmático... para atacar Kafka é esse lado... Kafka é um escritor... infantil... um escritor imaturo... que procura reduzir todos os fenômenos... da humanidade a uma relação conflituosa... entre pai e filho essa coisa toda... e por aí a polêmica vai perdendo... o sentido todo... a restauração verdadeira... de Kafka... é empreendida primeiro... por Roger Garaudy como eu ah: disse ainda a pouco... e depois por Aragon... o poeta francês Aragon... também intenta uma reabilitação de Kafka... ambos propõem uma significação simbólica... mas do ponto de vista... puramente fenomenológico quer dizer um novo tipo de consciência... é: Kafka teria dentro da literatura internacional quer dizer até aí: ... isto é... até surgir a obra de Kafka... ah: o pensamento literário... era um pensamento... é: cuja consciência era uma consciência só impregnada... de fora para dentro... quer dizer... Kafka seria um indivíduo que colocou a consciência... dentro de uma dimensão de uma dimensão diferente... por exemplo... uma dimensão por/que não se importava com o problema tempo... e que queria apreender as coisas no seu estado natural... então... Essa essa forma de virgindade consciente kafkiana e uma virgindade... a consciência entregue... é a: a uma tomada da realidade totalmente nova... totalmente inédita... e pode ser confundida também... com esse pré: ... in/é pré-consciência simbólica... quer dizer... uma disponibilidade in/extraordinária que Kafka tinha... para apreender as coisas do mundo... os efeitos que o mundo provocava em si... a forma como ele traduzia isso literariamente... era só uma questão de técnica... Aragon tem um ensaio... muito bonito a esse respeito... e procura justamente conciliar... os motivos kafkiano... da virgindade da consciência ou de uma nova visão da realidade com: ... a intenção... política e deliberada que a obra possa ter adiante: ... ou o aspecto é profético dessa... dessa obra... mas há a divisão... é extraordinária... você vê por exemplo... se você considera Kafka um escritor simbólico... se considera Kafka um escritor que utiliza a parábola... ou se considera Kafka um escritor que utiliza alegoria... ainda teria uma quarta posição... a posição por exemplo de ()... que diz que é impossível considerar esses três pontos de interpretação... e que a metáfora da realidade... seria a chave para se interpretar... Kafka... Kafka estaria fazendo apenas uma metáfora uma GRANDE metáfora da realidade... enquanto que o plano simbólico... é insuficiente o alegórico e o... plano da parábola... justamente porque: ... a parábola... tal qual... Walter Benjamin... colocou: na base da obra de Kafka... é uma parábola... da incomunicação... ou do fechamento da fé... se não existir fé... manifesta... em Kafka... a parábola perde o seu sentido... não existe parábola sem um fundamento religioso... por trás disso... e () considera... na opinião dele considera um autor ateu... também considera Proust nesse mesmo sentido... no sentido etimológico do termo... um homem sem Deus... um escritor puramente ateu... baseado na teoria... do: ... do ateísmo... ele não podia lançar mão da parábola porque a fé... estava totalmente ausente... estava ausente da sua obra... então ele não dá a Kafka... essa esperança... é: ou esse misticismo que outros autores encontram... Walter Benjamin... tem uma outra dimensão porque é um escritor judeu... até se converter ao marxismo... ora... a definição... de Walter Benjamin... literalmente é a seguinte... ele diz assim... "os relatos de Kafka são parábolas

incomunicáveis... sem nenhuma visão determinada do mundo... a diferença das parábolas talmúdicas... que se fundavam numa firme doutrina"... compreendeu? então... a diferença entre a parábola de Kafka... e a parábola... do/dos judeus antigos... dos livros sagrados dos judeus... está no fato... dessa incomunicação... ou na ausência desse fundamento de fé... não existe nenhuma doutrina... Walter Benjamin... conta uma história... interessante... que é a lenda de Elias o mendigo((ruído))... e diz que isso é uma coisa tipicamente kafkiana... kafkiana... é um antecedente também de Kafka((ruído))... Elias((ruído))... vagueava((ruído)) pelo deserto... e encontrou um grupo de peregrinos... ao redor de uma fogueira... mas ele era um estranho dentro daquele grupo... mas o convidaram a/a participar da fogueira e da refeição... pra passar a noite começaram a contar histórias... cada uma contava uma história... essa história refletia... um desejo... ou refletia talvez... um sonho... e pediram que Elias contasse também... algum sonho seu... ou revelasse algum desejo... latente... e Elias resistiu... mas terminou contando... o sonho... disse "bom... o que eu desejava era que se realizasse... efetivamente um sonho que eu tive... uma noite destas... eu sonhei... que saia deste deserto... e: entrava num: ... numa espécie de reino... nesse reino eu era o rei... nesse... reino... eu tinha um castelo... um castelo imenso"... e descreve o castelo as coisas que o castelo tem... nas altas horas da noite... ele é desperta:do... por uma invasão... de bárbaros... os bárbaros assaltam o castelo... e ele consegue fugir... e se salva... então perguntam... os peregrinos a: Elias o mendigo... o que é que restou do desejo do seu sonho... ou que salVOU dessa fuga... o que é que ele desejava MAIS como rei conservar... disse... "a camisa que eu tinha no corpo"... então essa/esse é um conto kafkiano... é uma lenda talmúdica... está no Talmude... e: Walter Benjamin... a relata... com o intuito de mostrar... a diferença que há... para Kafka... enquanto que Elias... o fundamento da sua lenda... ou fundamento do seu sonho... ainda se ampara no escrito religioso... na de Kafka há um desamparo total... da fé... ao que nós chamamos a ausência de Deus... essa relação... entre a ausência de Deus... entre o ateísmo... quer dizer... o homem privado de Deus... é explicada no campo filosófico... desde Nietzsche... foi Nietzsche quem forjou... justamente: ... a questão... de que a nossa época... ou a época de Nietzsche... era uma época uma geração sem deus o homem está privado de Deus... não é? essa formulação que se em Nietzsche é comumente aplicada à obra de: ... de kafka é: ... uma geração que não... dispõe... do amparo... ou da presença de Deus... uma geração sem deus... em termos de arte... isso pode ser interpretado de uma forma substitutiva... a arte teria que substituir... essa ausência divina... a arte teria que funcionar((ruído))... como a camisa de Elias o mendigo não é verdade?... vocês encontram... desde a lenda... do grande inquisidor... de Dostoievsky... esse mesmo tema... a recrucificação de Cristo... vocês encontram isso em Nietzsche vocês encontram isso no próprio Flaubert... não é? na confissão... que Flaubert faz... da sua arte e como uma religião... justamente porque o artista não tem... Deus... é uma expressão pesada... de de Flaubert... Kafka poderia eu pergunto... se equiparar... a esse... ateísmo... que procura... na arte um veículo de sacralização ou de divinização... mas se esboça uma terceira uma terceira corrente... muito mais séria... do que aquelas puerilidades dos comunistas de mil novecentos e quarenta e cinco... então o problema vai se agravando... eu poderia encarar Kafka... como um escritor... judeu... que perdeu o seu credo e que encontra na obsessão da literatura... uma forma substitutiva... da fé... bom... é uma indagação... mais adiante... vamos ter algumas respostas... para isso... Max Brody... não não sei se... a biografia de: ... kafka foi traduzida para o português... existe em francês... existe em espanhol nunca vi em português não sei por que... mas é a única biografia válida dele é a de Max Brody... Max Brody defende a posição... SIMbólica dentro da obra de Kafka... eu insisto nesse aspecto da sim/do simbolismo... da alegoria... e da parábola... porque a partir daí vocês vão escolher uma

definição TAMBÉM... pra interpretar Kafka... porque a definição é muito subjetiva... eu não sei... de que lado vocês se encontram... também não defini: o meu... mas Brody insiste(3s) nesse detalhe... de que a obra de Kafka deve ser interpretada APENAS do ponto de vista simbólico... nunca do ponto de vista alegórico... o simbolismo... de Max Brody... chega a tal extremo... que ele nos dá uma imagem... de: da: de Kafka como pessoa... uma imagem de santidade... primeiro ele tenta: ... tirar a impressão... que foi a primeira impressão... que se teve de: ... da personalidade de Kafka... que Kafka era uma pessoa mórbida... que Kafka era uma pessoa doentia... de que era um indivíduo... não é? bruno:so... um: indivíduo neurótico não... primeiro ele mostra o perfil de Kafka... nos anos juvenis... pelo menos na fase em que ele tinha saúde... perdeu essa saúde por volta dos trinta e poucos anos... mostra um indivíduo alegre... um indivíduo bem relacionado com os amigos... um: in/um camarada bastante leal... que falava pouco de si... compreendeu?... e: éh: ... e mas sobretudo um camarada bem autêntico... por exemplo... um sujeito BEM sincero... com uma autocrítica bem aguçada... e diz também que Kafka era... de certa forma... fiel a alguns princípios do judaísmo... por exemplo mostra como ele frequentava éh: o: éh: companhias de teatro de ciganos... como ele tentava amparar do seu próprio bolso os ciganos pobres... ciganos judeus... é claro... mostra como Kafka... éh: ... se devotava a: a: a: leituras judaicas... aquela obsessão de escrever em yiddish que ele sempre te/éh: ... em: yiddish que ele sempre possuiu... é essa coisa toda... ao fim da vida Kafka desejava ir pra Palestina ser garçom... ou ser trabalhador no campo não é? e terminar ali os seus dias... então ele... reúne todos esses elementos para mostrar... uma determinada fidelidade/fidelidade de Kafka... ao judaísmo... mas essa imagem não nos convence... quer dizer... ou essa imagem não encontra uma ressonância perfeita na sua obra... mas ele insiste... em que seja interpretado Kafka do ponto de vista simbólico... como um escritor profundamente religioso... e não como escritor ateu... éh: etcétera... diz assim textualmente "não se deve confundir... alegoria... com símbolos... Kafka jamais é alegórico... mas sim... em troca simbólico no mais alto sentido da palavra"... e acrescenta essa frase... enfática... "somente quem ama profundamente a vida... pode escrever como Kafka"... não é? ... o amor que Kafka tinha à vida... porque a gente pensa que Kafka era um desenraizado... ou um desapegado da vida... ou um desesperado... Brody conviveu com ele vinte e dois anos... nos dá uma imagem diferente... disse "não... só quem ama a vida pode escrever como Kafka"... e faz uma defesa de uma coisa... que parece... paradoxal para nós... faz uma defesa do otimismo de Kafka... e não do seu prolatado pessimismo e: mais o apego que Kafka tinha à natureza... e: a apologia que Kafka fazia do amor... ele não es/não torna explícito... o a/a/que forma de amor... e: e: era essa... a que ele se refere... porque: vocês sabem que Kafka teve três noivas não é verdade?... e não se casou... a vida inteira havia uma inapetência de Kafka para o casamento... e só ao fim da vida que ele teve uma companheira por dois anos... que foi ()... e: não se casou dizem os psicanalíticos porque tinha medo de ser pai não é?... porque temia o próprio pai... é uma interpretação... que eles dão... mas verdade é que... nas obras de Kafka a gente encontra sempre... o problema do: ... do: ... do sensualismo... de uma forma muito: ... muito estranha... por exemplo... as cenas eróticas que nós encontramos em Kafka são todas cenas públicas... o indivíduo pratica o ato de amor em público... há: uma cena em que é praticado na: ... no vestibulo de um: de uma/de uma casa... outra... por trás de um balcão de uma cervejaria... noutra cena naquilo que se imaginava fosse o tribunal... outra na casa do próprio advogado... e assim por diante... essa questão... quando Max Brody se refere... ao apego de Kafka ao amor: ... é uma questão bastante: ... enigmática... que tipo de amor Max Brody se refere? não não sei ele não define propriamente esse aspecto... mas eu volto a um ponto de vista... curioso... que é esse ponto de vista do: Weber... sobre o infantilismo de Kafka... diz o

seguinte “toda obra de Kafka... repousa sobre um simbolismo... inconsciente... e verifica-se isso pelas inversões de sentido homem anima”... vocês têm três exemplos clássicos... desse problema da inversão de sentido... e dessa questão do simbolismo consciente... você tem isso no conto Relatório para uma academia... que é feito por um macaco... que se como é? conversão do macaco... você tem na própria Metamorfose e tem no conto tipicamente judaico... que é Josefina a cantora dos ratos... então você tem três exemplos ca/clássicos de que o simbolismo de Kafka é um simbolismo só inconsciente... quer dizer... ele não tinha nenhuma intenção... ou não tinha nenhuma consciência... não tinha NENHUMA direção para o seu tema... segundo essa interpretação... psicanalítica... de kafka... que eu recuso... e nós todos recusamos... evidentemente... ora... Kafka às vezes depõe... nos diários ou nas cartas... ou em depoimentos a amigos sobre a sua obra... alguns depoimentos são bastante singulares... outros... depois de contradizem... e alguns deixam o leitor mais perplexo ainda... do que se tivesse lido a obra... sem nenhuma explicação do próprio autor... do ponto de vista judeu... acho que Kafka... perseguia alguma coisa... como a terra prometida... como Canaã... há mesmo um ensaio muito bonito de () é a parábola e o paráboxo paradoxo em Kafka... em que ele partindo de: ... da Mimese de Querbach compara o estilo de kafka... com o estilo das escrituras quer dizer um estilo interiorizado... e/numa oposição ao estilo aberto e exteriorizado da Odisséia... é: é: um ensaio... bem feito... mas é uma construção... é um ensaio bastante hipotético... justamente essa passagem... em que se diz... que toda obra de Kafka nada mais é... do que uma perseguição da terra prometida... se baseia... na condição de judeu de Kafka... na insistência com que... ele... lia Kierkegaard que trata também do tema de Isaías... não é verdade? trata de uma forma magistral... a leitura que ele faz de temor e tremor... que é/foi uma leitura que ele fez de até perto de morrer... e depois pelo fato... desse depoimento que eu vou ler aqui... diz Kafka em trinta de janeiro de mil novecentos e vinte e dois dois anos antes de morrer... diz o seguinte... “segundo os homens... não há outra escolha senão procurar a terra prometida em Canaã... ou procurá-la do outro lado do MUNdo... que é o deserto... pois não há... um terceiro mundo para os homens... então eu vou”